

RELAÇÕES PARENTAIS E O DESENVOLVIMENTO SOCIOMORAL DE ADOLESCENTES: UMA EXPERIÊNCIA COM RESPONSÁVEIS POR ALUNOS DA REDE PÚBLICA DE ENSINO

Isabel Wanessa da Silva Carvalho, Ana Cristina Rabelo Loureiro, Osiolany Da Silva Cavalcanti, Magnólia de Lima Sousa Targino

Universidade Estadual da Paraíba

isabelwscarvalho@gmail.com, anacristinaloureiro1@gmail.com, osiolanyalves@gmail.com,
magnoliatargino@uol.com.br

Resumo: As transformações sofridas pela instituição familiar marcaram a passagem do modelo de família tradicional-patriarcal à família contemporânea, modificando normas, costumes e valores a serem transmitidos por pais e mães. Tal fato provoca questionamentos constantes sobre o papel do pai e da mãe no processo de educação de seus filhos. No campo da Psicologia são apresentadas diferentes teorias que reconhecem que o comportamento dos pais exerce grande influência na estrutura emocional, cognitiva e social da criança e do adolescente. No que diz respeito ao desenvolvimento moral, pontua-se a importância das relações socioafetivas entre pais e filhos, enfatizando a relevância do diálogo desde a infância até a adolescência. Considerando que a adolescência é uma fase da vida na qual ocorrem mudanças físicas, psicológicas, sociais e afetivas que afetam diretamente a dinâmica familiar e as práticas educativas, foi realizado um projeto de extensão cujo objetivo consistiu em trabalhar as relações parentais das famílias de adolescentes de três escolas da rede pública de ensino na cidade de Campina Grande-PB, visando a melhoria do processo de formação e consolidação da moral, fundamentada na afetividade entre pais, mães ou responsáveis e seus filhos, direcionado para ações que promovem relações de respeito, diálogo e cooperação. Torna-se relevante ao estabelecer uma maior articulação entre a comunidade e a universidade, fortalecendo, direta ou indiretamente, os diferentes agentes do processo educativo de crianças e adolescentes, contribuindo para o desenvolvimento sociomoral destes e para a transformação da realidade sociocultural do Brasil.

Palavras-chave: Família, Adolescência, Relações parentais, Escola.

INTRODUÇÃO

As relações sociais têm se tornado cada vez mais complexas, mantendo o conceito de família em constante construção, determinado pelas transformações da sociedade. A preocupação com a qualidade da educação dos filhos apresenta-se entre os estudiosos mais fortemente a partir do século XX, e estes analisam fatores históricos, culturais e sociais que contribuem nas significativas transformações ocorridas nas configurações familiares ao longo da história e que podem interferir nessas relações sociais. As transformações sofridas pela instituição familiar marcaram a passagem do modelo de família tradicional-patriarcal à família contemporânea, modificando normas, costumes e valores a serem transmitidos por pais e mães. Tal fato provoca questionamentos constantes sobre o papel do pai e da mãe no processo de educação de seus filhos.

A família vem sendo historicamente responsabilizada pela educação de seus filhos, considerando-se que a função paternal está intimamente relacionada ao desenvolvimento de crianças e adolescentes. Hintz (2001) e Bock, Furtado, Teixeira (2002), argumentam que, apesar da transformação dos papéis na contemporaneidade, durante séculos, a cultura oriunda do sistema social patriarcal atribuiu ao homem e à mulher papéis pré-estabelecidos, e ainda deixa seus fortes resquícios na sociedade atual, mantendo alguns padrões de comportamento tradicional, centralizando na figura do pai a responsabilidade de prover e manter a autoridade na família.

No campo da Psicologia são apresentadas diferentes teorias que reconhecem que o comportamento dos pais exerce grande influência na estrutura emocional, cognitiva e social da criança e do adolescente. No que diz respeito ao desenvolvimento moral, Piaget (1969, 1977) e Kohlberg (1976,1984) apresentam, através de seus estudos, a importância das relações socioafetivas entre pais e filhos, enfatizando a relevância do diálogo desde a infância até a adolescência. Para esses teóricos, a qualidade da relação com pais e professores é determinante no desenvolvimento da autonomia e da consciência do dever. As relações socioafetivas devem ser sustentadas pelo respeito, de modo que este se caracteriza inicialmente por uma relação unilateral, vindo a se tornar mútua na adolescência.

Patias, Siqueira e Dias (2013) pontuam que, independentemente da estrutura ou modelo familiar, esse é o primeiro contexto no qual a criança se insere, responsabilizando a família pela aprendizagem de regras, valores e formas de interagir, que serão generalizadas e estendidas às futuras relações sociais em diferentes contextos, a exemplo da escola. Por conseguinte, as práticas educativas dos pais influenciarão os significados atribuídos pelos filhos às suas experiências sociais e afetivas.

Segundo Batista (2015), os pais, para cumprirem o papel de agentes de socialização, utilizam várias estratégias e técnicas para orientar os comportamentos das crianças em diferentes contextos. Essas estratégias são denominadas de práticas educativas parentais e estilo parental é o nome dado ao resultado do uso deste conjunto de práticas. Para Weber (2007), dentro dessas práticas, são considerados os comportamentos, as atitudes e o clima emocional existente na relação com os filhos.

A pioneira no estudo sobre os estilos parentais foi Diana Baurimd (1966,1971), analisando como os estilos parentais podem influenciar no desenvolvimento dos filhos. A autora propôs três denominações: estilos permissivo, autoritário e autoritativo. Diante do apresentado por Baurimd (1966,1971), Maccoby e Martin (1983) ampliaram o estilo permissivo, propondo que este fosse subdividido em indulgente e negligente.

Encontra-se na literatura diversos estudos criados e adaptados por pesquisadores para investigar a influência das relações parentais em diferentes aspectos do desenvolvimento humano e avaliar quais fatores influenciam essas práticas educativas parentais, a exemplo do estudo de Carmo e Alvarenga (2012), que discutiu as relações entre as variáveis sociodemográficas e as práticas coercitivas de mães com filhos na faixa etária de 5 a 6 anos. O estudo apontou influências do nível socioeconômico das mães, pois os resultados indicaram que as mães de nível socioeconômico baixo apresentaram maior frequência média de respostas na categoria punição física.

Essa temática vem sendo frequentemente debatida nas instituições de educação básica, considerando a relevância de uma parceria entre família e escola, e, diante das contribuições teóricas e empíricas estudadas, foi firmada uma parceria entre a Universidade Estadual da Paraíba e a Secretaria de Educação de Campina Grande-PB, para realização do Projeto de Extensão “Trabalhando as relações parentais e o desenvolvimento socioafetivo de adolescentes em escolas do ensino fundamental”. A ideia do projeto surgiu em meio aos estudos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa Psicologia, Desenvolvimento e Educação, do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, que vem realizando pesquisas relacionadas ao processo de desenvolvimento socioafetivo do ser humano e a influência dos agentes educativos diretamente envolvidos nesse processo (pais e mães, professores, crianças e adolescentes).

Considerando que a adolescência é uma fase da vida na qual ocorrem mudanças físicas, psicológicas, sociais e afetivas que afetam diretamente a dinâmica familiar e as práticas educativas, o objetivo do projeto consistiu em trabalhar as relações parentais das famílias de adolescentes de três escolas da rede pública de ensino na cidade de Campina Grande - PB, visando a melhoria do processo de formação e consolidação da moral, fundamentada na afetividade entre pais, mães ou responsáveis e seus filhos, direcionado para ações que promovem relações de respeito, diálogo e cooperação.

METODOLOGIA

O projeto de extensão foi dividido em três etapas: formação das extensionistas, planejamento das atividades e intervenção na comunidade. Através de uma prática psicoeducativa, a intervenção na comunidade consistiu em proporcionar um suporte informativo e um suporte emocional aos participantes, utilizando-se de atividades como palestras, oficinas, encenação, dinâmica de grupo e roda de conversa, favorecendo a livre expressão, troca de experiências, reflexão e construção de conhecimento individual e coletivo.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br
www.cintedi.com.br

Com o intuito de viabilizar a modificação de ações significativas para o processo de desenvolvimento sociomoral dos filhos, foram priorizados os temas correspondentes às demandas das famílias e as necessidades manifestadas no decorrer dos encontros, sendo estes: adolescência, relações parentais, estilos parentais, dificuldades na relação com o filho adolescente, sexualidade na adolescência, drogas, futuro profissional dos filhos e autoestima de pais e filhos.

2.1 Participantes

Realizada no período de julho a outubro de 2017, nas dependências do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, a prática da extensão teve como público-alvo pais, mães ou responsáveis por alunos do Ensino Fundamental II de três escolas da rede municipal de ensino de Campina Grande – PB. Considerando o grupo de participantes assíduos e a parte mais oscilante, o projeto recebeu, ao longo de 13 encontros, o total de 27 pessoas, com média de 9 participantes por intervenção. A média foi feita considerando os participantes que tiveram por base 75% de frequência nos encontros. Com relação ao parentesco com o adolescente, houve a participação de 1 pai e 2 avós, sendo as demais participantes mães dos alunos.

2.2 Coleta de dados

As atividades do projeto foram registradas em diário de campo, gravador de voz e câmera de vídeo. Nos primeiros encontros, foi aplicado um questionário sociodemográfico, para traçar o perfil dos participantes. Além da avaliação contínua, baseada nos resultados de cada intervenção, foi realizada no 12º encontro uma avaliação do projeto sob a visão dos participantes, utilizando-se de entrevista semiestruturada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os encontros iniciais da extensão foram importantes para fazer uma leitura do grupo e confirmar que a proposta do projeto se adequava à demanda trazida pelos participantes. No primeiro contato, identificou-se "medo" como a palavra que mais simbolizava para os presentes o que é ser responsável por um adolescente. Esse momento permitiu falar sobre as dificuldades, as principais queixas e outras questões a respeito do relacionamento com o filho adolescente.

De modo a trabalhar a primeira demanda identificada, no encontro seguinte, foram utilizadas outras técnicas para abordar e dar continuidade a questão do relacionamento com os filhos. Esse momento favoreceu o compartilhamento de experiências e a ajuda na resolução

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

de problemas, estimulando a capacidade empática dos participantes. Posteriormente, foi feita uma breve explanação de diferentes Teorias do Desenvolvimento e ilustrações com diversos exemplos da vida cotidiana, com o objetivo de esclarecer cientificamente algumas dúvidas sobre as modificações ocorridas na fase da adolescência, nem sempre compreendida pelos pais e familiares.

Desde então, e ao longo de todo o projeto, os participantes demonstraram grande interesse em receber informações científicas sobre diferentes assuntos, destacando-se: drogas, sexualidade na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis. Para favorecer uma melhor compreensão dos temas abordados, toda apresentação de conhecimentos científicos foi seguida de um momento de discussão, para que os participantes pudessem falar e tirar dúvidas, relacionando o que foi exposto à sua realidade.

Outros importantes temas trabalhados ao longo das intervenções foram: Superproteção na adolescência, individualidade de cada ser, autoestima, relações parentais e as mudanças ocorridas na instituição familiar ao longo dos tempos, estilos parentais e futuro profissional dos filhos. As rodas de conversa tinham como objetivo proporcionar a reflexão sobre o papel deles na formação dos filhos, assim como foi possível fornecer informações e minimizar tabus, auxiliando o diálogo entre pais ou responsáveis e seus filhos.

Foi sugerida aos participantes a criação de uma história protótipa, a qual consiste na elaboração de uma história, que tenha uma temática como plano de fundo, e retrate, através de improvisação, a realidade vivenciada pela maioria das pessoas inseridas no contexto social daqueles que a dramatizam. Para a encenação da história protótipa, no 8º dia de intervenção, os participantes criaram um roteiro e definiram personagens que eles mesmos representariam através de improviso. A história teve como ambiente uma escola e os personagens representados foram: gestora da escola, polícia, pais e filhos. As temáticas envolvidas foram drogas e as práticas educativas autoritárias, negligentes e autoritativas.

Houve muita criatividade na improvisação e, nas falas improvisadas, foi percebido que os participantes que faziam papéis de alunos se apropriaram da linguagem e do comportamento dos adolescentes, a exemplo de "*Vai gazer uma aula, né?*" e "*A gente se encontra lá fora*".

Especificamente em relação aos estilos parentais, percebeu-se por meio da estratégia utilizada que houve apreensão e compreensão do conteúdo exposto. Foi possível diferenciar tanto nas falas dos que fizeram papel de filhos quanto nas falas dos que fizeram papel de pais os estilos parentais representados. A personagem Clara, filha de uma mãe negligente, disse "*Ligue pra minha mãe aí, ela nem liga mesmo. Nem na sala de aula ela vem*". (A personagem

Maria, filha de uma mãe autoritária, disse *“Ligue não, minha mãe vai me matar. Ai meu Deus do céu!”*. Anderson, filho de uma mãe que estabelece uma relação autoritativa com o filho, disse o seguinte: *“Pode ligar. Minha mãe me conhece”*. Quando a diretora da história ameaça a mãe de Clara dizendo que vai entrar em contato com o Conselho Tutelar se ela não tomar providência em relação à filha, a personagem Isabel disse: *“Pode ir. Essa juventude hoje num quer nada com a vida. Não liga diretora, não liga professora, não liga ninguém. O que a senhora fizer, tá feito. Eu não estou nem aí com ela”*, deixando clara a negligência dessa mãe para com a filha. A personagem Ana, mãe de Maria, apresentou por toda a encenação uma postura autoritária, como fica evidenciado nas falas: *“Maria, fique calada, porque você aqui não fala. Já sabe como é, né?”* e *“Achou pouco eu tirar o celular? Achou pouco eu lhe proibir de sair para o shopping? Achou pouco quando não permiti suas amigas irem lá pra casa? Achou pouco esse tanto de castigo? Tá querendo mais o quê agora?”*. A mãe autoritativa inicialmente diz *“Não tô acreditando! Sempre meu filho chegava em casa e eu perguntava se ele tava metido com droga e ele dizia que não [...] E ele dizia que se tivesse envolvido com droga me falava. Então eu vou conversar com ele pra saber”*. É uma mãe que, apesar da decepção sentida com o chamado da diretora, tentou estabelecer um diálogo com seu filho, validando sua palavra e as evidências que ele apontou para se defender, dizendo, ao fim, que confia no filho.

Em diversos trechos, eles demonstraram a apreensão do conteúdo sobre estilos parentais e a compreensão sobre como cada estilo se manifesta na prática. A história foi configurada de uma forma que pareceu, de fato, retratar a realidade vivenciada por eles. Mais do que a compreensão do conteúdo apresentado, a encenação revelou uma problemática bem constituída, trazendo aspectos do universo deles, como as drogas, autoritarismo, falta de diálogo, permissividade e a polícia e a promotoria como instrumentos de controle e punição.

Quanto ao papel da escola, a participante que representou a diretora falava o tempo inteiro em chamar as mães, transferindo toda a responsabilidade da educação das crianças e adolescentes para a família. Na representação, feita por uma das participantes, em nenhum momento a escola se colocava como parceira.

A encenação teve como desfecho a decisão de a escola convocar uma reunião com os pais para apresentar e refletir sobre estratégias de enfrentamento. As estratégias foram apresentadas por uma participante, que é assistente social e acompanhou o projeto em todas as intervenções, representando a instituição escolar. Ou seja, não foi algo trazido pelos participantes, foi trazido pela profissional que desenvolve um trabalho junto a uma das

escolas participantes e se dispôs a acompanhar as atividades do projeto, sendo incorporada ao grupo como forma de somar aos propósitos do projeto.

Para realizar uma avaliação do projeto, os participantes responderam as seguintes perguntas: “O que a experiência representou para você?”; “Qual aspecto você apontaria como significativo para a educação dos seus filhos?”; e “Qual aspecto você apontaria como negativo para a experiência?”. Através da análise de conteúdo das entrevistas (Bardin, 1977), ficou evidenciada a conquista do objetivo de trabalhar a relação socioafetiva entre pais ou responsáveis e seus filhos. De acordo com as respostas, identificou-se que o projeto foi entendido como uma experiência positiva e algo que passou a ter valor para os participantes, assim como foi percebido grande interesse pelas rodas de conversa e palestras. De diferentes formas, foi possível promover reflexão acerca do tipo de relação estabelecida, fazendo-os compreender a importância do envolvimento da família no processo de formação moral da criança e do adolescente e promovendo mudanças de atitudes nas práticas educativas parentais.

No que diz respeito ao sujeito participante de forma particular, pontua-se o resgate de autoestima, evidenciado tanto pelas falas dos participantes como pela percepção da equipe do projeto, que identificou em muitos, e em alguns de forma especial, a mudança de expressão, de postura. Transformação de posturas retraídas, cabeças baixas, para posturas destemidas, pessoas mais sorridentes e mais falantes. Nos encontros, cada pessoa pode se expressar de forma autêntica e ser vista também além da sua função de pai, mãe, avó, esposa, marido, etc. Além das intervenções em si, a mudança de ambiente, um elemento novo na rotina deles, conhecer novas pessoas, dedicar-se a algo novo, foram apontados como elementos que proporcionaram renovação para os participantes.

As rodas de conversa mostraram-se uma estratégia eficaz, pois os participantes apontaram a importância de se sentir ouvido, de sentir que tem voz, de compartilhar experiências semelhantes e ouvir sobre situações diferentes, despertando reflexão, contribuindo para o resgate de autoestima e exercitando a prática do diálogo, fundamental para ser reproduzida na educação dos filhos.

Um ponto que merece destaque na fala de diversos participantes é a mudança de visão sobre o trabalho do psicólogo, diminuindo o preconceito mencionado pelos próprios participantes e tão presente na nossa sociedade. É fundamental que o psicólogo seja reconhecido como um profissional da saúde e que sua atuação vai além de cuidados com sujeitos que apresentam distúrbios psicológicos. Nesse projeto, através da intervenção psicoeducativa (e não psicoterápica), foram trabalhados diversos temas do cotidiano dos

participantes, de modo a promover uma melhor qualidade e condição de vida para estes sujeitos enquanto pais, mães ou responsáveis na relação com seus filhos.

Segundo Paula (2013), a extensão universitária tem considerável papel na luta pela transformação social no Brasil. O autor apresenta que é tarefa da universidade dialogar com a sociedade, respondendo às suas demandas e expectativas, reconhecendo-a em sua diversidade, em seus direitos e deveres, e enquanto portadora de valores e culturas tão legítimos quanto aqueles oriundos do saber científico e tecnológico produzido na universidade. Nesse sentido, são sujeitos da extensão tanto os professores, técnicos e estudantes, quanto os destinatários da ação universitária, proporcionando o crescimento da comunidade e de quem está intervindo.

No que se refere às alunas extensionistas, a prática da intervenção possibilitou o aprimoramento da capacidade de escuta e da observação do comportamento não-verbal dos participantes, característica importante para intervenções que focaram nas demandas das famílias. O olhar atento favorece a identificação das necessidades do outro, e, combinado com a escuta, possibilita o crescimento do sujeito participante. O contato com diferentes relatos de vida e o acompanhamento da transformação positiva na vida daqueles sujeitos, contribuiu para o crescimento pessoal e profissional das alunas. O exercício da empatia aconteceu tanto para os participantes da comunidade como para a equipe do projeto.

O grupo de extensionistas era composto por alunas dos cursos de Psicologia e Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, podendo beneficiar-se de conhecimentos multidisciplinares para enriquecer o processo de intervenção e aprimorar a articulação da teoria com a prática.

CONCLUSÕES

O presente trabalho de intervenção possibilitou caracterizar que, entre os tipos de relação estabelecidos entre pais ou responsáveis e filhos adolescentes, predominam os estilos autoritário e permissivo, destacando-se o autoritário. Os principais problemas existentes nas relações parentais identificadas foram: a falta de habilidade dos pais ao lidarem com a nova identidade juvenil do filho; o excesso de cuidado que, geralmente, ao invés de ajudar, castram a autonomia do adolescente; além da violência e as drogas, que permeiam a realidade destes. Foram proporcionados espaços de reflexão dos pais, mães e responsáveis sobre os tipos de práticas educativas adotadas por eles, provocando-os a compartilharem suas experiências cotidianas, visando a um aprendizado da melhor forma de agir na relação parental.

Quanto à prática da afetividade na relação parental, foi percebido que, geralmente, os pais, mães ou responsáveis têm a compreensão de que afetividade está somente relacionada à demonstração de afeto e aprovação. Trabalhou-se a ressignificação das relações de afetividade, buscando a compreensão de que o estabelecimento de regras e limites e o elogio são formas de direcionar atenção aos adolescentes, de forma que se transmita a segurança necessária para que se desenvolva autonomia e aumente a sua autoestima.

Destacou-se também a importância do diálogo entre pais, mães ou responsáveis e filhos, enfatizando a necessidade de se adotar estilos autoritativos para que o adolescente estabeleça uma consciência do dever, considerando-se as relações de respeito e cooperação.

É possível afirmar que foi estabelecido um envolvimento dos pais com o processo de formação moral do adolescente, uma vez que eles se mostraram mais comprometidos no papel do desenvolvimento dos filhos como um todo.

Este trabalho¹ entrevistou junto à família, principal agente educativo de crianças e adolescentes, demonstrando que há repercussão direta nos filhos e na escola. Nesse sentido, reforça a importância do trabalho pedagógico não se limitar apenas aos alunos, mas também incluir pais, mães e responsáveis pelas crianças e adolescentes, sendo fundamental o fornecimento de informações, orientações e esclarecimentos a respeito das diferentes fases do desenvolvimento humano e suas implicações no contexto familiar.

Diante da demanda e solicitação dos participantes, o presente projeto foi renovado, em 2018, mantendo a participação das três escolas participantes e acrescentando uma nova escola integrante. Houve alteração no grupo de extensionistas, com o acréscimo no número de alunas e professores que se agregaram ao trabalho.

Família, escola e profissionais da saúde constituem uma rede de apoio fundamental para a educação e o desenvolvimento social de crianças e adolescentes. O projeto apresentado torna-se relevante ao fortalecer, direta ou indiretamente, os diferentes agentes do processo educativo, contribuindo para o desenvolvimento sociomoral de crianças e adolescentes e para a transformação da realidade sociocultural do Brasil.

¹ Esse projeto de extensão foi desenvolvido no ano de 2017, sob a coordenação da professora Ms. Magnólia de Lima Sousa Targino e a colaboração da prof. Dra. Ana Cristina Rabelo Loureiro. A equipe de trabalho foi composta pelas alunas da Universidade Estadual da Paraíba: Isabel Wanessa da Silva Carvalho e Daniela de Jesus Silva, estudantes de Psicologia, Marta Martins, Rosa Maria de Lima e Osiolany da Silva Cavalcanti, estudantes de Pedagogia, além da participação do professor convidado, Dr. José Andrade Filho, do Departamento de Psicologia da mesma instituição.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos que acreditaram e colaboraram para o desenvolvimento do presente trabalho, de uma maneira muito especial aos participantes, mães, pai e avós, responsáveis por alunos adolescentes da rede pública municipal de Campina Grande; à Secretaria de Educação e Cultura de Campina Grande, na pessoa da secretária Iolanda Barbosa e da gerente pedagógica Vera Passos, por acolherem e acreditarem na proposta do trabalho; aos funcionários do Departamento de Psicologia e ao professor Dr. José Pereira, pró reitor de Extensão da Universidade Estadual da Paraíba, por todo apoio e incentivo prestados.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BATISTA, A. P. **Alcoolismo paterno e práticas educativas**. PsicoFAE, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 49-60, 2015.

BAUMRIND, D. **Effects of Autoritative Parental Control on Child Behavior**. Child Development, nº37, v4, 1966. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1126611>.

BAUMRIND, D. **Current patterns of parental authority**. Developmental Psychology Monographs, v. 4, n. 1, 1971.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologia: Uma introdução ao estudo de psicologia**. – 13. Ed. reform. e ampl.- São Paulo: Saraiva, 2002.

CARMO, P. H. B do, ALVARENGA, P. **Práticas educativas coercitivas de mães de diferentes níveis socioeconômicos**. Estudos de Psicologia, maio-agosto/2012; v.17, n. 2, 2012.

HINTZ, H. C. **Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade**. Pensando Famílias, v.3, 2001.

KOHLBERG, L. Moral Stages and Moralization the Cognitive Developmental Approach. In: Linkona, T. **Moral Development and Behavior: Theory, Resherch and Social Issues**. New York, Holt Rinehart and Winston, 76-90, 1976.

KOLHBERG, L. **Essays and Moral Development, the Pshycology of Moral Development**. San Francisco: Happer & Row, Publishers, v. II, Cap. 1, 1984.

MACCOBY, E. F. & MARTIN, J. A. **Socialization in the context of the family: parent-child interactive**. New York: Willey, 1983.

PATIAS, N. D. SIQUEIRA. A. C. & DIAS, A. A. Os Direitos da Criança e do Adolescente na Percepção de Adolescentes dos contextos urbanos e rural. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33, n. 2, 2013.

PAULA, J. A de. **A extensão universitária: história, conceito e propostas**. Interfaces - Revista de Extensão, v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1969.



III CINTEDI

PIAGET, J. **O Julgamento Moral na Criança**. São Paulo: Editora MestreJou, 1977.

(83) 3322.3222
contato@cintedi.com.br
www.cintedi.com.br